
O TRANSREAL DA INVENÇÃO: UM SENTIDO SEMPRE EM FUGA NA POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO*

Lourdes Kaminski Alves**

Auto-Crítica

Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.
(Cabral de Melo Neto)

Resumo: neste artigo refletimos sobre o processo metafórico radical da lírica contemporânea, tomando como exemplos poemas de João Cabral de Melo Neto, mais particularmente, poemas que ilustram a presença da denominada “categoria negativa”, definida por Hugo Friedrich (1978), tentando mostrar a potencialidade poética da “redução do eu” na obra do autor.

Palavras-chave: João Cabral de Melo Neto. Categorias negativas. Potencial poético. Redução do eu.

* Recebido em: 03.01.2020 Aprovado em: 03.02.2021.

** Professor Titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Brasil. PPGL/UNIOESTE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ/CNPq.



DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/gua.v10i1.8594>

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - Atribuição Sem Derivações 4.0 CC

Em *Os perigos da poesia e outros ensaios* (1997), José Paulo Paes ao refletir sobre a lírica do século XX, fala em um suposto esgarçamento da linguagem poética e da impessoalização a que tende a lírica contemporânea.

De acordo com José Paulo Paes haveria na metafórica contemporânea, uma espécie de esgarçamento semelhante à metafórica barroca. Segundo as reflexões do autor, “os nexos entre os sentidos literal e figurado, concreto e abstrato, particular e geral” (PAES, 1997, p. 26), presentes nos poemas contemporâneo, embora não cheguem a desaparecer por completo, caminham para um esgarçamento, provocando a intelectualização da linguagem lírica e seu hermetismo. De acordo com o autor, esta parece ser uma relação fenomenológica característica da poesia contemporânea do pós-guerra, marcando, por um lado, a redução do eu nessa poesia, e por outro; acentuando uma preocupação com a metalinguagem. Esse processo acaba por trazer à tona a raridade da poesia. Tal procedimento recupera, muitas vezes, o experimentalismo visual da poesia concreta, numa tentativa de apresentar mais intensamente o mundo e reduzir a subjetividade lírica.

Assim, a poética contemporânea, paradoxalmente, ao desenvolver certa incomunicabilidade, conduzindo o olhar para as coisas e não puramente sobre os sentimentos, descobre novas formas de trabalhar a linguagem, explorando a materialidade da palavra. Através deste processo, opera-se a tentativa de redução do eu-lírico.

O que o crítico e poeta José Paulo Paes denomina de impessoalização na lírica contemporânea pode ser verificado em parte, no poema *Psicologia da composição*

Psicologia da composição

[...]

VII

É mineral o papel
onde escrever
o verso; o verso
que é possível não fazer.

São minerais
as flores e as plantas,
as frutas, os bichos
quando em estado de palavra.

É mineral
a linha do horizonte,
nossos nomes, essas coisas
feitas de palavras.

É mineral, por fim,
qualquer livro:
que é mineral a palavra
escrita, a fria natureza

da palavra escrita. [...]
(CABRAL, 1946, p. 93-97)

A poesia mineral, a palavra escrita, a fria natureza sugere o desejo do poeta em representar mais intensamente o mundo e reduzir a subjetividade lírica. O conteúdo denso do poema aponta para imagens em dissonâncias, numa visão que articula o perceptivo ao labor po-ético de Melo Neto. No plano da linguagem, as escolhas lexicais e semânticas, apesar da impessoalização do poeta revelam a subjetividade deste.

Paes ao identificar a impessoalização na lírica contemporânea, ilustrada no poema *Duração* de William Carlos Williams, observa que “da impessoalidade do olhar do poeta, nem por isso deixa o objetivo de contaminar-se de subjetivo” (PAES, 1997, p. 26-27). No poema de Melo Neto a reiteração do adjetivo ‘mineral’ revela a luta do poeta sobre o papel, sobre a palavra, sobre “o verso que é possível não fazer”. O “papel mineral” pode representar as amplas possibilidades “da linha do horizonte”, rica no potencial imaginário, pois uma “linha” suspensa entre a ausência e a presença na captura do sentido das coisas.

Alfredo Bosi reporta-se à poesia de Cabral de Melo Neto, de 1942 a 1966, como:

um exemplo fortemente persuasivo de ‘volta às próprias coisas’ como estrada real para apreender e transformar uma realidade que, opaca ou renitente, desafia sem cessar a nossa inteligência. Na esteira de Drummond e de Murilo Mendes, o poeta recifense estreou com a preocupação de desbastar suas imagens de toda ganga de resíduos sentimentais ou pitorescos, ficando-lhes nas mãos apenas a sua instituição das formas [...] e a sensação aguda dos objetos que delimitam o espaço do homem moderno [...] (BOSI, 1994, p. 469).

O poeta tematiza na exploração da reiteração da “natureza fria da palavra escrita” a poesia “livre de resíduos sentimentais”, como uma visão irônica das aspirações de grandeza ou superioridade do humano, reduzidas a nada, nisso remete-se a esvaziamento do sentido de existência do homem moderno. O ritmo recupera a totalidade do poema, sugerindo o significado poético.

De acordo com Octávio Paz:

o poeta encanta a linguagem por meio do ritmo. Uma imagem suscita outra. Assim, a função predominante do ritmo distingue o poema de todas as outras formas literárias. O poema é um conjunto de frases, uma ordem verbal baseada no ritmo (PAZ, 2012, p. 63)

De modo que conteúdo e forma estão articulados no movimento rítmico da linguagem poética, “com seu jogo de presença/ausência e de ser/não-ser, a metaforese não seria outra forma de subli-

mação desse mesmo gesto, só que agora no domínio da ação simbólica onde encenaria a caça de um sentido sempre em fuga [...] (PAES, 1997, p. 32)

No ensaio *Para uma pedagogia da metáfora*, Paes (1997, p. 120) assevera que o leitor “é convidado a acumpliciar-se com o poeta na empresa de (des)construir o real de convenção e reagrupar-lhe metaforicamente os detritos no transreal da invenção”. Neste convite presentifica-se o ato criativo da leitura, ao ler, o leitor cria novas metáforas, descobrindo o que está oculto.

Chama a atenção para o transreal da invenção instituído pelo processo metafórico radical da lírica contemporânea, servindo também, para ilustrar o salto da suspensão da descrença à cumplicidade operada por ela instigada no nível da leitura. De forma que na poesia contemporânea, o esgotamento das pessoalidades de linguagem faz com que o mecanismo de compreensão da metáfora seja diferente, ocorrendo uma transformação social e histórica para o leitor e para o poema, uma vez que as tonalidades da lírica de um período se relacionam à sua historicidade.

Friedrich (1978), ao tratar sobre a lógica construtiva da poesia moderna, considerando a poética de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Valéry cita, entre outros traços recorrentes da lírica moderna, a concentração e consciência da forma, decomposição, relação entre lírica e matemática, dissonâncias permitida pelo uso oximoro, despersonalização da lírica pela eliminação de traços biográficos, o estranhamento e o grotesco - aspectos que denomina “categorias negativas” da lírica.

Parte dos traços que atesta a tradição da negatividade, caráter essencial da lírica moderna, seguem presente na produção na moderna poesia brasileira, a exemplo da obra de João Cabral de Melo Neto.

Alfredo Bosi observa que o poeta

passou a realizar, desde O engenheiro e Psicologia da Composição, um verso substantivo e despojado que se, parecia partilhar com os formalistas de 45 o rigor métrico, na verdade instaurava um novo critério estético, o rigor semântico, pedra-de-toque da sua radical modernidade (BOSI, 1994, p. 470).

O poema *Psicologia da composição* ilustra o fenômeno da redução do eu, ou a impessoalidade, exigindo do leitor uma nova atitude diante da linguagem poética.

Psicologia da composição

[...]

VIII

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas.

(A árvore destila
a terra, gota a gota;
a terra completa
caiu, fruto!

Enquanto na ordem
de outro pomar
a atenção destila
palavras maduras.)

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas:

então, nada mais
destila; evapora;
onde foi maçã
resta uma fome;

onde foi palavra
(potros ou touros
contidos) resta a severa
forma do vazio.

Os procedimentos expressivos do poema, em uma primeira leitura, ocultam a presença do eu lírico, privilegiando operações de ritmo e exploração de outros elementos tais como a fragmentação, a negatividade, o movimento e a sonoridade. No entanto, na impessoalização da linguagem lírica sobressai a consciência de trabalho com a linguagem, trazendo à tona uma subjetividade velada. O eu lírico revela-se por meio da contemplação do inominável, da antítese “Cultivar o deserto/ como um pomar às avessas” e “Enquanto na ordem/ de outro pomar/ a atenção destila/ palavras maduras”. Resta o objeto inominável, a terra, a palavra, a seca, a forma do vazio, o deserto do poema.

De acordo com Paes, é na intensidade da focalização poética do único, que o poeta alcança paradoxalmente, a imagem do todo. Parece ser a intenção do poeta “ligar o particular ao universal”. A concepção da poesia como metáfora do mundo se confirma no seu poder de revelar o universal no particular.

Neste sentido, Adorno reflete que:

através de suas configurações, a linguagem se molda inteiramente aos impulsos subjetivos; um pouco mais, e se poderia chegar a pensar que somente ela os faz amadurecer. Mas ela continua sendo, por outro lado, o meio dos conceitos, algo que estabelece uma inelutável referência ao universal e à sociedade (ADORNO, 2009, p. 74).

O poeta trabalha como o valor heurístico de descoberta do mundo, o olhar para além da realidade factual, para a realidade do possível. Assim, as imagens poéticas dinamizam-se com a labilidade do imaginário, desvelando o que está oculto, num jogo de presença e ausência.

Desta forma, a linguagem não é apenas instrumento de mediação, a base sobre a qual subjetividade e objetividade se encontram, ela é, ao mesmo tempo, meio para a expressão do pensamento

– subjetividade – e condição de possibilidade de apreensão do que é exterior ao pensamento – objetividade, segundo Adorno (2009).

Além da forte impessoalização da lírica contemporânea, outro aspecto chama a atenção segundo Paz é o fato de os poetas deste tempo tratarem de forma especial, a dedicação do poeta à sua arte, comparando a raridade da poesia e a raridade do poeta. Entre a poesia e o poema, a raridade é mantida ou intensificada pelo trabalho do poeta, a exemplo do poema *Resposta a Vinicius de Moraes*, livro *Museu de tudo* 1966-1974, em resposta ao poema, *Retrato à sua maneira*, de Vinicius de Moraes para João Cabral.

Retrato, à sua maneira

Rio de Janeiro, 1954

Magro entre pedras
Calcárias possível
Pergaminho para
A anotação gráfica

[...]

Olho nu Árido
Como o deserto
E além Tu
Irmão totem aedo

Exato e provável
No friso do tempo
Adiante Ave
Camarada diamante!

Resposta a Vinicius de Moraes

Camarada diamante!

1 Não sou um diamante nato
2 nem consegui cristalizá-lo:
3 se ele te surge no que faço
4 será um diamante opaco
5 de quem por incapaz de vago
6 quer de toda forma evitá-lo,
7 senão com o melhor, o claro,

8 do diamante, com o impacto:
9 com a pedra, a aresta, com o aço
10 do diamante industrial, barato,
11 que incapaz de ser cristal raro
12 vale pelo que tem de cacto.

(CABRAL, 199, p. 390)

Visualizando a estrutura interna do poema, vemos que o poeta explora a diversidade de sentido da palavra “diamante”, buscando uma definição para “poeta”, o poeta diamante nato (verso 1), o diamante opaco (verso 4), diamante claro (verso 7), diamante industrial barato (verso 10). Este processo gradativo constrói, por sua vez, a imagem da incapacidade e da raridade do poeta contemporâneo. Poderíamos dizer que a negação do poeta diamante nato e a reiteração da imagem do poeta pedra, aresta, aço, cacto esteticiza o projeto po-ético de João Cabral.

A poesia contra o vago, a poesia do impacto, da pedra, da aresta e do aço é o que identifica o poeta-cacto (verso 12). Neste processo criador, João Cabral aponta para a convergência entre poeta e poesia na sociedade contemporânea.

A raridade da poesia contemporânea estaria centrada no poema diamante industrial. Assim, a poesia é rara não porque evita o bruto, mas porque extrai desses elementos combinações inusitadas capazes de ampliar sentidos e operar convergências inesperadas. No poema é a incapacidade para o vago que define a incapacidade de ser “cristal raro” do penúltimo verso. Tal incapacidade é responsável pela convergência entre poeta e poesia, criando uma reciprocidade semântica que sustenta o paralelismo final entre diamantes e cacto.

O cacto substitui melhor o diamante não porque negue a poesia, mas porque melhor metaforiza a oposição ao vago e ao abstrato, arrastando para o seu âmbito as arestas de uma dicção concreta. Com efeito, a afirmação da existência de uma não-existência, do possível com o impossível, do real e do fictício, é precisamente o traço que caracteriza a linguagem poética de João Cabral.

O espaço motiva e circunscreve as escolhas de imagens ao poeta (arestas, pedras, aço, cacto). As imagens escolhidas para negar a condição de diamante resgatam a raridade da poesia sem a opção por uma poesia de raridades, ou de tratamento de “temas nobres” como a lírica tradicional. Devemos entender a raridade como resultado que o poeta obtém pelo trabalho do corpo a corpo com a linguagem cujas abstrações possíveis são ou serão conquistas, isto é, abstrações poéticas que se erigem na materialidade das palavras, e não no dado metafísico, desmistificando a imagem do poeta como um ser iluminado por uma “inspiração divina”.

Adorno caracteriza o não social como o aspecto social da obra, assinalando distinção no poema que trata do seu desassossego e não daquilo que o desencadeia. Na acepção de Adorno, o poema deve tematizar o mínimo possível a relação entre eu e sociedade, a objetividade, ou, como afirma o autor: “tudo o que vem de fora silencia no eco da alma” (ADORNO, 2003, p. 196) Ao invés de subtrair a lírica da sociedade, há a prioridade pelo espontâneo da linguagem. Essa seria um meio através do qual a subjetividade torna-se objetividade. Para Adorno a insistência no negativo é, de certo modo, uma tentativa de superação do caos.

A negatividade da lírica contemporânea é dirigida para o novo, na perspectiva da diferença. Neste sentido, a ruptura é identificada como uma estratégia de subversão estática, como reflexo do repúdio do poeta a uma ordem social aparente, de forma que o aspecto negativo da lírica de João Cabral fundamenta a sua autenticidade, considerando que a obra exprime aquilo que a realidade empírica rejeita. O antilírico, a negatividade da poesia cabralina é justamente o que a torna contemporânea.

Considerações finais

Devido a características e tonalidades distintas da poética de João Cabral de Melo Neto, não afirmamos que a substantivação do verso, a redução do eu-lírico e a negatividade da poesia esteja presente no conjunto da obra, contudo é possível verificar o predomínio da impessoalização, traço pelo qual se intensifica a consciência do labor po-ético do autor. “Entre poesia e realidade, o poeta faz do poema um instrumento de aprendizagem” (BARBOSA, 196, p. 241).

Retomamos aqui o poema *Auto-Crítica*, epígrafe que abre este texto, para ilustrar o que estamos chamando de “po-ético” em Cabral de Melo Neto, por um lado, imagens do poeta silencioso imerso na corrente subterrânea de uma poética do agreste, por outro, imagens dos deslocamentos territoriais provocados pelas viagens entre o Sertão e Sevilha.

A lírica cabralina explora o valor visual, corpo-ritmo que aponta não mais para a divisão fechada de conteúdo, dando a ver ao leitor um grande texto, tão complexo como o homem de sua temporalidade histórica. Sua poesia aponta para a linguagem das aproximações dissonantes, das rupturas, das relações inusitadas, da recuperação do objeto histórico, da recuperação do mito. Nessa perspectiva, essa poesia aproxima-se da metáfora barroca. O trabalho com a linguagem na lírica cabralina tende para a intelectualização e o mecanismo metafórico acionado nos versos do poeta recifense é o da transposição, na labilidade do ser e do não ser, no jogo entre presença e ausência, por meio do verbo descarnado. É um fazer poético que revela a consciência da linguagem e a consciência de historicidade em relação à literatura e a sociedade, nesse fazer poético, signo e objeto remetem aos procedimentos do homem, palavra e pensamento. O movimento é a proximidade signo e objeto, mas se realiza pela arbitrariedade, desvelando a intencionalidade estética na redução do eu, as tensões dissonantes operadas na linguagem lírica superam a alienação pela resistência e (re)criam um novo código poético.

THE TRANSREAL OF THE INVENTION: A SENSE ALWAYS RUNNING IN THE POETRY OF JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Abstract: *In this article we reflect on the radical metaphorical process of contemporary lyric, taking as examples poems by João Cabral de Melo Neto, more particularly, poems that illustrate the presence of the so-called “negative category”, defined by Hugo Friedrich (1978), trying to show the potential poetics of “reducing the self” in the author's work.*

Keywords: *João Cabral de Melo Neto. Negative categorie. Potencial poetics. Reducing the self.*

Referências

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. *In. Notas de literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Marise M. Curioni e Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MELO NETO, João Cabral de. João Cabral de Melo Neto: *Obra completa*. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. Psicologia da composição 1942-1945. *In: MELO NETO João Cabral de. João Cabral de Melo Neto: Obra completa*. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

MELO NETO, João Cabral de. Museu de Tudo 1966-1974. *In: MELO NETO, João Cabral de. João Cabral de Melo Neto: Obra completa*. Edição organizada por Marly de Oliveira com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PAES, José Paulo. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Top Books, 1997.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.